



**PSICANALISTA
PATRÍCIA LINS**

Siga-me nas redes sociais



<http://patricialins.org> | patricialins@patricialins.org

O que fazer com o que me incomoda no outro?

Patrícia Lins de Paula

Psicanalista

O senso comum apresenta, em geral, a ideia de que o incômodo por causa de um fato externo ou por uma ação do outro implica algo em nós que precisa ser modificado. Há grande razoabilidade nesse raciocínio, porém, é preciso pensar com mais cuidado a questão.

Há diferentes tipos de incômodo.

Há aquele no qual o diferente é tomado por contraditório, e se alguém apresenta uma ponderação em relação a uma opinião por nós proferida, vestimo-lo com a roupagem do antagonista e nos autoproclamamos detentores do saber, ávidos por dobra-lo às nossas convicções.

Outros nos suscetibilizamos a ponto de evadir-nos da convivência.

Há também o incômodo surgido da indiferença, que despreza que o silêncio também comunica.

Há aqueloutro surgido pela confirmação ou negação de uma consideração própria, podendo culminar em frustração ou desapontamento.

E há o incômodo do excesso: tanto da presença, quanto da ausência, tanto da palavra, quanto do silêncio.

Fato é que o incômodo diz muito sobre nós, mas não exatamente o quê. É indispensável analisar caso a caso.



PSICANALISTA
PATRÍCIA LINS

Siga-me nas redes sociais



<http://patricialins.org> | patricialins@patricialins.org

Freud (1919) vai escrever um texto fabuloso: “O inquietante”, “O infamiliar”, “O estranho”, nas diversas traduções. A ideia geral é que o que é inquietante nas questões pessoais, o é em contato com o outro.

O prefixo –in pode significar negação (exemplos: infeliz, imutável) ou um movimento para dentro (exemplos: ingerir, imigrar, importar); daí podemos depreender que o infamiliar é o não familiar, ou seja, o que não é íntimo, privado, próximo, e portanto, desconhecido. Aquilo em relação a que mantemos, em geral, distância.

Este estranhamento do que não é similar, conhecido, acaba levando à identificação, e colabora para a constituição do sujeito.

Neste contexto, portanto, poderíamos pensar em saídas possíveis e breves para o incômodo: negação, reivindicação ou conflito e fuga. E a longo prazo, pensar sobre isso, analisar, ir às causas.

Não por acaso o incômodo conduz com frequência a acessos de raiva, por uma incapacidade de compreensão aliada à demanda de amor não atendida. A cultura do ódio proposta no laço social, com marcantes polarizações, acaba levando à operação do ter que eliminar para poder existir sem incômodo: como se isso nos livrasse deste.

Quando Freud define (1911) que o princípio do prazer e da realidade regem o funcionamento psíquico nos alerta à tendência humana de fugir do incômodo (desprazer). Talvez isso justifique, ao menos em parte, as elevadas estatísticas da rara experiência de intimidade, dos inúmeros problemas relacionais e dos relacionamentos abusivos.

Então, o que fazer com o que me incomoda no outro? A Psicanálise não se encarrega de definir soluções, mas propor caminhos, e um deles é desenvolver a capacidade de escutar.

Participando e construindo uma cultura da indiferença e do ódio, como podemos desenvolver essa capacidade?



PSICANALISTA
PATRÍCIA LINS

Siga-me nas redes sociais



<http://patricialins.org> | patricialins@patricialins.org

Confundimos ouvir com escutar, falar com convencer e até quando tentamos nos colocar no lugar do outro, somos incapazes de abandonar nosso ponto de vista: queremos dizer o que o outro tem que falar e nos antecipamos em respostas ao que ele tem a expressar.

Mas se o oposto acontece, reivindicamos nosso lugar.

É o que temos que fazer com o que nos incomoda no outro: tendo sido posto, investigar.